

O IMPACTO DA ANTROPIZAÇÃO NA ABUNDÂNCIA DE ESPÉCIES EM DIFERENTES PRESSÕES ANTRÓPICAS EM BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS

Autores e Orientadores: Anna Beatriz Baeta Nonato - 1221139681@ulife.com.br, Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH; Allan Gabriel Lauvers Corrêa, UniBH; Bárbara Joaquina Lourenço Gomes, UniBH; Breno Assis Ferreira, UniBH; Hailla Milena França Caldeira, UniBH; Higor Douglas Pardinho Dos Santos, UniBH; Jordana Spencer Magalhães Novais, UniBH; Julia Maria Gonçalves Da Costa, UniBH; Larissa Novais Maia, UniBH; Larissa Pereira Da Silva, UniBH; Letícia Pontes Da Silva Santos, UniBH; Mariana Souza Pinheiro, UniBH; Sofia Gabriela Drumond Colen, UniBH; Thayane Ramos Da Silveira, UniBH; Thiago Gonçalves Dias, UniBH; Lucas Belchior Souza De Oliveira (Dr.)

Resumo: O levantamento de fauna consiste em uma série de registros, a fim de identificar as espécies que habitam determinada região. a finalidade deste estudo foi examinar e analisar a distribuição da fauna silvestre terrestre em uma área de centro urbana com diferentes extratos antrópicos, assim como na percepção da comunidade que circula localmente na região. A análise da fauna silvestre em diferentes áreas nesse estudo evidenciou o profundo impacto da urbanização e da fragmentação de habitats sobre a biodiversidade local. Foram registrados 1267 espécimes, com uma predominância absoluta de aves (96,65%), enquanto mamíferos e répteis representaram minorias no levantamento. A maior diversidade e abundância ocorreram em áreas com menor impacto antrópico, reforçando o papel protetor da vegetação preservada contra as pressões urbanas. A participação da comunidade acadêmica, via ciência cidadã, também destacou divergências sobre práticas de alimentação da fauna silvestre, apontando para a urgência de estratégias educativas de sensibilização. Esses achados comprovam que a conservação de ambientes naturais, mesmo em centros urbanos, é fundamental para manter a riqueza de espécies, enquanto a intensificação da antropização acarreta perda significativa da fauna local.

Palavras-chave: Monitoramento; Urbanização; Silvestre.

Introdução:

O território terrestre vítima da ação antrópica, projeta consequências irreversíveis à biosfera, tais quais a acelerada e contínua degradação de áreas férteis, requerimento de energia exacerbado, alterações climáticas, adaptação dos ciclos hidrológicos e biogeoquímicos, segregação de habitats e decréscimo da biodiversidade (SETO et al., 2011). Dentre os sete biomas existentes no Brasil, a mata atlântica está entre os mais devastados do mundo, atualmente descrito como uma paisagem fracionada (SOUZA, 2021). A vasta diversidade de fauna e flora que habitam a ecorregião, atravessam corredores ecológicos inseridos nos centros urbanos, proporcionando refúgio de poluição do ar, sonora, visual e abrigo (LELES, 2023; ROSA et al., 2025). A crescente urbanização tem afetado os ecossistemas naturais, principalmente quando se trata das espécies de animais silvestres, afetando diretamente sua distribuição e abundância. Diante deste cenário, buscando compreender os impactos da urbanização, a finalidade deste estudo foi examinar e analisar a distribuição da fauna silvestre terrestre em uma área de centro urbana com diferentes extratos antrópicos, assim como na percepção da comunidade que circula localmente na região.

Material e Métodos:

A atividade foi realizada no Centro Universitário de Belo Horizonte, campus Buritis, devido as características de utilização do espaço e fitofisionômicas do território. A universidade foi dividida em categorias de acordo com os impactos/extratos observados: L1: área de mínimo impacto (área de mata preservada em transição com parque urbano); L2: área de baixo impacto (área de mata preservada maior do que impactos antrópicos diretos); L3: área de impacto moderado (transição entre áreas preservadas e impactos antrópicos, principalmente mediados pela comunidade acadêmica), e; L4: área de impacto elevado (proximidade das áreas de transição de veículos e ruídos extremos), como demonstrado na Figura 1.

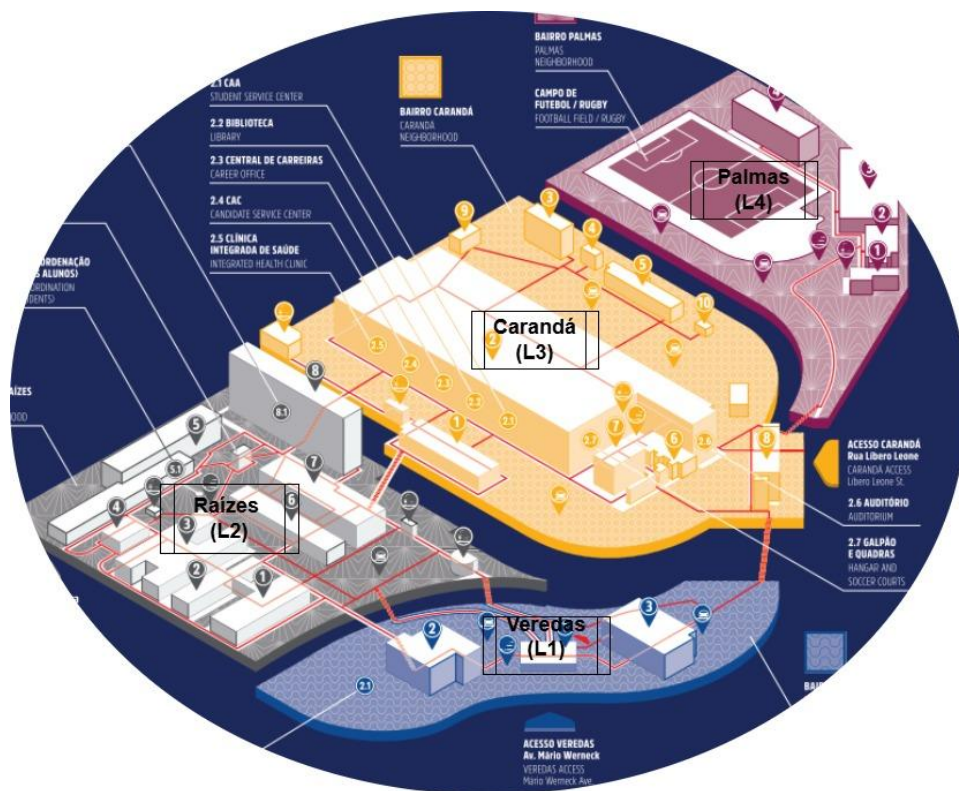


Figura 1: Áreas de diferentes impactos antrópicos.

Como várias espécies são afetadas pela sazonalidade, França et al. (2017) diz que o ideal são os estudos conduzidos em épocas de seca e de chuva, para que os dados coletados sejam os mais fidedignos possíveis, conseguindo servir como um “retrato” da biodiversidade local como um todo e não apenas de um período específico.

Também foi desenvolvida uma prática em "Ciência Cidadã", isto é, uma comunicação com a sociedade de forma a ampliar a visibilidade e inclusão dos mesmos nos resultados do projeto. A Ciência Cidadã foi feita por meio do Instagram do GEAS UniBH, solicitando que caso aviste algum animal na universidade, envie registros fotográficos. Além disso, através de estratégias de comunicação direta com a comunidade acadêmica, foram realizadas intervenções de educação ambiental e valorização da relação saudável entre as pessoas e a fauna.

O monitoramento de mastofauna e avifauna foi realizado a partir de busca ativa (procura por animais ou indícios, como rastros, fezes, locais e vestígios de alimentação ou abrigos), realizada através de transectos lineares durante os horários de ronda às manhãs, 7:00 às 8:30, e às tardes, 17:30 às 19:00. Durante esse horário,

também foram realizadas zoofonias e playbacks, para incentivar a vocalização dos animais e facilitar a identificação. Adjacente às rondas, foi utilizada uma câmera trap posicionada em local estratégico com maior probabilidade de registros que foi mantida nesse local por 51 dias. Além desses métodos, foram utilizados avistamentos/registros incidentais e informações obtidas através da comunidade científica. Para a herpetofauna, o método de zoofonias e playbacks não foi utilizado, por sua falta de eficácia na herpetofauna encontrada no campus.

Resultados e Discussões:

Foram identificados 1267 espécimes de aves, répteis e mamíferos, sendo 96,65% aves, 3,1% mamíferos e 0,2% répteis. A principal área de observação foi a área 3, com 698 registros (55,0%), seguida pelas áreas 2 (277 registros, 21,8%), área 4 (265 registros, 20,9%) e área 1 (76 registros, 6,0%). Observou-se maior ocorrência nas áreas mais preservadas ($p < 0,001$). Entre as aves, os Passeriformes foram os mais frequentes, representando 64,6% do total de aves observadas, seguidos pelos Psittaciformes (11,9%) e Columbiformes (10,2%). Nos mamíferos, os carnívoros foram os mais comuns, com 31,3%, seguidos dos primatas (12,5%) e quirópteros (5,0%). Apenas a ordem Squamata foi identificada entre os répteis. Espécies pouco observadas também foram detectadas, como o ouriço-cacheiro (*Coendou spinosus*), indicando a importância da conservação das áreas para a diversidade da fauna local.

Quanto a prática de ciência cidadã, a entrevista foi realizada com 94 pessoas. A maioria dos respondentes (63 pessoas, 67%) acredita que alimentar animais silvestres é adequado ou já fez isso, enquanto 30 (32%) são contrários. Quando questionados sobre o próprio comportamento, 82 participantes (87%) afirmaram que não alimentam os animais silvestres do campus, apenas 11 (12%). Ao serem perguntados se já presenciaram alguém alimentando animais silvestres no campus, 44 pessoas (47%) já testemunharam essa prática e 44 (47%) não, 1 foi neutro e 5 participantes (5%) relataram outro tipo de interação com esses animais.

Esses resultados indicam que, apesar de opiniões divergentes sobre a prática, a maioria evita alimentar os animais silvestres, embora a presença dessa interação siga sendo notada por parte significativa dos respondentes. Isso reforça a

necessidade de orientações educativas sobre os impactos da alimentação artificial para a fauna silvestre local.

Conclusões:

O presente estudo demonstrou os impactos da antropização em diferentes escalas, dentro de um mesmo mesoambiente. A partir dos dados coletados, se torna visível como as regiões mais antropizadas possuem uma grande redução da atividade da fauna silvestre, em quantidade e em diversidade dentro do campus. A maior diversidade registrada em zonas de vegetação ainda preservada, reforça a importância da manutenção da biodiversidade local. Além disso, a participação da comunidade acadêmica por meio da pesquisa, contribuiu para entender como a coexistência entre as pessoas e a fauna silvestre está ocorrendo. Os resultados ressaltam a necessidade de ações contínuas de manejo, preservação e sensibilização, que garantam o bem-estar e ampliem condições mais favoráveis para a fauna que está dentro deste ambiente urbano.

Referências:

FRANÇA, Daniella P. F.; FREITAS, Marco A. de; RAMALHO, Werther P.; BERNARDE, Paulo S.. Diversidade local e influência da sazonalidade sobre taxocenoses de anfíbios e répteis na Reserva Extrativista Chico Mendes, Acre, Brasil. Iheringia. Série Zoologia, [S.L.], v. 107, 28 set. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1678-4766e2017023>.

MEDEIROS, Marcelo Brilhante; FIEDLER, Nilton Cesar. Heterogeneidade de ecossistemas, modelos de desequilíbrio e distúrbios. Biodiversidade Brasileira, v. 1, n. 2, p. 4-11, 2011.

NASCIMENTO, Yuri; SILVA SANTOS JÚNIOR, Lucas; SOUZA DOS SANTOS, Mauricio; PEREIRA DIAS, Cleidilene; MELO CALDAS, Eliziane. A importância das atividades de monitoramento da fauna. **Diversitas Journal**, [S. l.], v. 7, n. 4, 2022. DOI: 10.48017/dj.v7i4.2102. Disponível em: https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/2102. Acesso em: 10 nov. 2025.

ROSA, Emilly Christiny dos Santos; DOURADO, Victoria; LIZAMA, Maria de Los Angeles Perez. Interações entre humanos e fauna silvestre em Maringá (PR): Coexistir para conservar. Research, Society and Development, v. 14, n. 11, e11141149835, 2025. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v14i11.49835>

SOUSA, Jocy Ana Paixão de. Elaboração de um índice de vulnerabilidade ambiental dos fragmentos florestais da Mata Atlântica. 2021. 162 f. Tese (Doutorado em Ciências Ambientais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Ciência e Tecnologia, Sorocaba, 2021.

Fomento: Programa Pró Ciência do Ecossistema Ânima